

# O DISTRICTO DE BRAGA.

PUBLICA-SE A'S TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preço (sem estampilha).  
Por anno 35000—Semestre, 15550.  
Trimestre, 5000 rs.

Assigna-se em Braga, no escriptorio da redacção, rua Nova n.º 3, para onde deve ser dirigida, franca de porte, toda a correspondencia e remessa de dinheiro; — em Lisboa, na loja do sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta n.º 50 a 52.  
Publicações d'interesse particular são pagas a 25 rs. por linha—annuncios 25 rs., repetição 15 rs.—Folha avulso 40 rs.  
Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preço (com estampilha).  
Por anno 35000—Semestre, 15950.  
Trimestre, 15000 rs.

NUM. 14

QUINTA FEIRA 5 DE FEVEREIRO

1863.

## O DISTRICTO DE BRAGA.

Nesta cidade não temos segurança alguma: a toda a hora se commettem furtos e roubos de dia e de noite: os cidadãos encastellam-se em suas casas, dispostos a repellir com vivo tiroto os aggressores.

Os salteadores e assassinos campeam altivos pelas ruas e praças mais publicas da cidade, e a auctoridade policial vêdo tudo isto com a maior indifferença, que nos faz acreditar em certos dictos do povo que todos repetem.

Não temos uma ronda de cabos de policia, nem uma patrulha de soldados.

O povo paga, e bastante, para ter exercito que lhe guarde a sua vida e propriedade, e não o tem.

O governo olha para esta provincia de revez o com o maior desprezo: só se lembra d'ella para lhe lançar pesadas contribuições com que já não pôde, e tambem para vêr se lhe pôde lançar mãos aos fundos dos seus bancos ruraes, as confrarias.

Um governo assim sempre o povo o ha de odear e guerrear.

Está votado ás gemonias o exercito portuguez! De vinte e quatro mil homens que tinha hontem, conta hoje menos de metade, e amanhã terá, se muito, cinco ou seis corpos e apenas nas duas capitães!

Não tardará que o exercito de Por-

tugal seja da historia, como é da historia o exercito dos frades!

Houve tempo em que se mandou um regimento de cavalleria escoltar vinte e quatro mil reis para fazer os muros de uma cidade Luzitana; hoje mandam-se vinte e quatro soldados para suffocar uma sublevação popular!

Ainda bem que nem ficaremos indefezos, nem impoliciaados, se é verdade, como se diz, que vae crear-se uma primeira linha composta de pares, duques, marquezes, condes, viscondes, barões e conselheiros — uma segunda linha de gran-cruzes, commendadores e cavalleiros — e uma bixa, ou terceira linha, de empregados publicos!

O uniforme da primeira será, segundo corre, de farda e calça de pergaminho, *bonet rouge*, muchila natural, e bigode branco — o da segunda será farda e calça de mescla de todas as côres, gôrro da côr da ordem, e bigode branco — o da terceira linha será farda e calça de papel almasso para grande uniforme, e para pequeno irão com camisa, *bonet* das côres azul e branca debotadas, muchila de chita, e não usará de bigode, mas só de passa-piolho, e tambem não terão *bonet*, mas chapeo de palha, e sobre elle uma bircha ou bicho, que representará um *lagarto*.

Todos os corpos terão musica vocal, que será composta de todos os

jornalistas do governo, que sabem cantar hymnos.

Ha de ter que vêr um exercito assim!

Discurso do sr. A. M. Fontes Pereira de Mello, na sessão de 23 de janeiro de 1863.

(Continuado do n.º 13)

Esta posição é insustentavel, esta posição é inconstitucional (apoiados), esta posição não pôde ser aceita (apoiados) e eu que respeito muito, como disse na sua ausencia, e repito agora na sua presença, o nobre presidente do conselho, como homem, como cavalleiro, como cidadão, hei de negar constantemente o meu voto ao acompanhamento, que se pretende fazer, d'esta especie de cruzada com que se procura levantar um individuo, por mais alto que seja, acima de todos os outros, quando acima de todos os outros não ha no estado senão um homem que é o Rei (apoiados).

Ha o governo parlamentar, o governo constitucional do nosso tempo, em que a pessoa do Rei é inviolavel e sagrada, e responsaveis os seus ministros; ha, sem mesmo recorrer ao governo absoluto propriamente dito o systema do governo francez, em que o chefe do estado se declara o responsavel, e os ministros agentes da sua vontade.

Entre nós e na minha opinião (cada um é livre na opinião que tem) o systema constitucional em que o chefe do estado é sagrado e irresponsavel, e em que os ministros não são os agentes da sua vontade, mas são

agentes livres do paiz, representantes da maioria dos corpos legislativos e da opinião publica que n'ella se de, ve julgar consubstanciada; entre nós digo eu, esta fórmula de governo dá ns minha opinião muito mais garantia a liberdade, á ordem, á paz publica, a tudo quanto toca aos interesses mais caros do paiz, sem nenhum dos inconvenientes d'aquelle outro systema, porque o chefe do estado pôde sempre intervir com a acção do poder moderador, para manter o necessario equilibrio dos poderes publicos. Mas o que tenho visto? Eu tenho visto que o governo presidido pelo nobre duque de Loule tem necessitado, para se sustentar no poder, invocar em seu auxilio, umas após outras, as diversas prerogativas que pela carta constitucional da monarchia pertencem ao poder moderador, e usar com uma tal prodigalidade d'estas facultades, cujo exercicio elle de certo aconselha, que me parece se pôde provar que, se assim não fosse, o governo a que s. ex.<sup>a</sup> precios publicos (apoiados).

Quando o equilibrio dos poderes publicos se procura sustentar por estas successivas intervenções do poder moderador, a consequencia é que o governo que reconhece esta necessidade, está fraco na sua origem e não pôde manter-se diante da opinião do paiz. Os governos que são fortes, que não recebem as discussões publicas, os governos que estão promptos a sustentar o seu posto enquanto constitucionalmente o podem fazer, e a abandoná-lo quando vêem que as suas idéas não podem triumphar nos corpos legislativos, estes governos não fogem da discussão

## FOLHETIM.

### A MÃO CORTADA.

— ROMANCE —

(Tradução livre por uma senhora).

I.

(Continuação)

Officiaes e marinheiros dirigiram seus olhares ao ponto assignalado pelo vigia, e viram tres pontos negros convencendo-se logo de que eram tres botes que caminhavam d'um modo uniforme. Como a desgraça do «Argos» estava presente em todas as imaginações, todos se persuadiram que aquelles botes conduziã naufragos: ninguem curou de saber como é que, naufragando na costa de Guayaquil, podiam achar-se a 40 graus de latitude ao sul. O certo é que todos os marinheiros pertendiam reconhecer, apesar da distancia a seus camaradas, e Armando victima de uma excitação febril, cria ver Lucy vestida de branco. Só o almirante mais sereno que todos os que o rodeavam, não via

na realidade mais que tres pontos negros sobrepunhando á tona d'agua; não obstante consentio que dessem tiros de canhão, e se pozessem bandeiras nos mastros; porém, cousa estranha! Os naufragos pareciam não ver nem ouvir, pois não davam signal algum.

A noite hia cerrando pouco a pouco tornando-se os botes cada vez menos perceptíveis: sem embargo se calculou que ao cabo d'uma hora, adiantando daquelle modo, deviam cruzar-se com a fragata; e a este tempo, a lua appareceu por entre as nuvens, illuminando as aguas com debil claridade, e a tripulação inteira exclamou:

— Vão passar a estibordo!

E todos estenderam os braços, e todos quizeram vencer com a vista a distancia que os separava dos pobres naufragos.

Estes adiantavam com um silencio que infundio terror na tripulação da «Crioula», exclamando então o almirante:

— Aos botes! Aos botes!

Esta ordem dissipou a illusão Armando foi um dos primeiros a saltar, e outros apoz elle, chegando em breve ao pé dos tres objectos que tanto os preocupavam: então cada qual pôde ver e tocar tres tron-

cos de arvores, cujos ramos se elevavam sobre a agua, e que um incidente qualquer tinha arrancado da costa.

Toda a tripulação volveu a bordo, e desde então os seus temores se foram dissipando pouco a pouco, e ao cabo de alguns dias só Armando permanecia impressionado. Com razão ou sem ella, via neste incomprehensivel erro de quinhentos homens, mais que um effeito da superstição — a prova d'uma desgraça cumprida.

II

Apenas chegado a França, Armando se dirigio a Pariz ao ministerio da marinha. Alli tinham-se recebido cartas de todos os consules, porém nenhum dava noticia do «Argos». Só o consul de Guayaquil repetia o que tinha escripto ao contra-almirante Sery.

O ministro recebeu Armando com benevolencia, e propoz-lhe que embarcasse a bordo d'uma fragata que tinha por objecto explorar todos os portos da costa occidental da America; porém Armando pediu alguns dias para reflectir, e convencido de que a sua posição seria mui penosa em um barco que não podesse manobrar á

sua vontade, renunciou ao que lhe propunham, e pediu licença ao ministro para armar um barco a cuja frente se poria, e no qual contava empregar-tudo o cabedal que possuia.

O ministro approvou sen projecto, e deu-lhe uma licença de tres annos. Armando realisou immediatamente seu capital, e partiu para Bordeos, onde comprou uma goleta de 150 toneladas, que acabava de ser concluida pelo armador, bastante forte para suster seis peças d'artilheria com as quaes a fez armar para prevenir qualquer eventualidade; depois formou a sua tripulação com trinta vigorosos marinheiros, uns que já tinham navegado com elle, e outros que se prestavam gostosos a navegar Tomou por tenente a um tal Ledrú, antigo voluntario que havia conhecido capitão; e deste modo organizado o seu serviço, fez-se á vela ao cabo de 2 mezes para a America.

Quando esteve em alto mar, sentio-se Armando alliviado em parte do grande pezo que ha tanto tempo o acabrunhava: tinha agora todos os recursos, hia tentar tudo humanamente possivel para encontrar seu pae e sua promettida, e sentia essa sombria tranquillidade d'um resolução to-

(apoiados), não adiam, não dissolvem, não fecham o parlamento, não evitam todos os debates publicos, mas apresentam-se aos representantes do paiz, defendem as suas medidas, sustentam a sua politica e esperam o *verdictum* dos corpos co-legislativos (apoiados). Mas que vemos nós? Desde 1851 e 1860 em que se formaram ministerios presididos pelo nobre duque de Loulé, o que observamos? Adiantos sobre adiantos, dissolução da camara hereditaria, porque não são outra cousa as nomeações de pares feitas para aquella casa; dissolução da camara dos deputados e recomposições ministeriaes! São em dois annos e meio, oito vezes, não contando aquellas que foram justificadas ou por motivo de grandes catastrophes ou de grandes regosijos, porque em uma e outra occasião houve adiantos; mas não contando estas, são oito vezes que o nobre duque de Loulé tem recorrido ao poder moderador, para que o sustente diante dos corpos legislativos, diante dos representantes do paiz, porque sem isso teria perdido o apoio parlamentar, e s. ex.<sup>a</sup> já não podia estar á frente dos negocios publicos. Isto não é constitucional, porque, como disse ha pouco, os principios constitucionaes não são só a letra escripta da carta, são a jurisprudencia e a pratica dos governos livres, é a opinião sancionada pelo voto e testemunho dos homens mais autorisados que tem estabelecido em toda a parte do mundo as normas do verdadeiro systema representativo.

O governo dissolveu a camara dos deputados em 1861, porque a camara dos deputados quiz discutir a lei do orçamento; o governo tinha adiado as recias apresentar-se diante dos representantes do povo; o governo adiou depois em 1861 novamente as cortes. Nessa occasião o governo modificou a camara dos dignos pares, introduzindo-lhe quinze membros novos; a nomeação de pares n'aquelle caso importava o mesmo, como todos sabem que a dissolução da camara dos deputados.

Quando o poder moderador considera que é conveniente á ordem publica e aos altos interesses do estado, pelos quaes lhe cumpre velar, quando considera que é conveniente pôr em harmonia a camara dos pares com a dos de-

putados, o poder moderador, em conformidade das attribuições que lhe são concedidas pela carta constitucional, toma o logar, que lhe compete para modificar a maioria, que se reputa estar n'essa occasião em desarmonia com a dos representantes do paiz. Quando o governo julga que deve merecer o apoio e a confiança da camara dos deputados, porque julga ter a opinião publica a seu favor, e quando vê que uma maioria facciosa se levanta na camara electiva e lhe entorpece os passos, recorre ao poder moderador para que dissolva a camara dos deputados, e appella para o paiz; mas quando o governo aconselha o poder moderador a dissolver a camara dos deputados e ao mesmo tempo a camara dos pares, como aconteceu em 1861, o governo de que era presidente o nobre duque de Loulé faltou aos principios fundamentaes do systema representativo (apoiados).

(Continúa).

**PARTE OFFICIAL.**

**Synopse da parte official do Diario de Lisboa n.º 20 de 27 de janeiro.**

*Ministerio do reino*

Cartas régias elevando á dignidade de gran-cruz da Torre e Espada Urbano Rattazzi, presidente do conselho de ministros do rei de Italia, e á de gran-cruz da Conceição Quintino Sella, Agostinho Depretis e o conde Carlos Persano, ministros tambem do rei de Italia.

*Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça.*

Despachos effectuados por decretos de 21 do corrente pela direcção geral dos negocios ecclesiasticos.

— Aviso de estar aberto concurso para de diferentes dioceses.

— Despachos effectuados por decretos de 23 do corrente, pela direcção geral dos negocios da justiça.

*Ministerio da guerra.*

Ordem do exercito n.º 3.

*Ministerio da marinha e ultramar*

Portaria resolvendo acerca de um requerimento sobre recrutamento marítimo.

**Idem do Diario n.º 21 de 28 de janeiro.**

*Ministerio do reino.*

Cartas régias elevando á dignidade de gran-cruz da ordem da Conceição o mar-

mada. Buscava um indicio que aclarasse a desaparição do «Argos», desaparição que não podia explicar-se por um naufragio, porque, com effeito, era mui raro que um bergantim de guerra, tendo mais de cem homens a bordo, desapparecesse assim, sem deixar rasto, nem signal. Assim como o mar arrojára a taboa com o nome, deveria ter arrojado tambem algum outro fragmento, algum naufrago quicá. Sem embargo, ninguem havia visto mais que a taboa.

Logo o barco tinha sido roubado: mas como? Só uma insurreição da mesma tripulação podia haver o effectuado. E que razão poderia ter a tripulação do «Argos» para sublevar-se? O capitão era querido de todos, o novo official posto ás suas ordens não podia ter interesse em fomentar a insurreição. ....

Ao chegar aqui, uma suspeita terrivel assaltou Armando. Lucy estava a bordo, Lucy era formosa. .... Não podia ser um amor desprezado a causa de todos os crimes? Sem embargo um official e novo na tripulação, não podia ganhar todas as vontades.

Armando cahia de novo nas suas perplexidades, e parecia-lhe ver as pessoas

que amava tanto, já no meio dos horrores d'um naufragio, já n'uma scena de tumulto e de sangue. Estas lugubres imagens o tinham feito cahir em uma sombria desesperação, e só quando o vento impellia rapidamente a galeota, sentia renascer a esperança em seu coração.

Armando quiz arribar para tomar viveres e agua em Valparaizo. Nesta cidade não havia a menor noticia do «Argos». Deram-se á vela para Guayaquil, e quando Armando vio de novo esta enxada com suas ondas azues, seu esplendido ceo, seus bosques virgens; quando contemplou aquelles logares onde tinha abraçado seu pae, onde havia passado ao lado de Lucy os instantes mais deliciosos da sua vida, sentio tão immensa dor que teve necessidade de descer á sua camara para dar livre pasto a suas lagrimas.

Este accesso foi de curta duração; levantou-se impassivel e forte, resignado a um duelo eterno se a vontade de Deus lhe tinha arrebatado os que amava, ou disposto a tomar uma vingança implacavel se um traidor os houvera roubado a seu carinho.

Ao saltar em terra sua primeira contrariedade foi saber que o antigo consul

que de Pombal e o bispo do Funchal. — Decreto fazendo mercê do titulo de conselheiro ao bacharel Luiz de Freitas Branco, o qual foi nomeado para o logar de director geral dos negocios ecclesiasticos no respectivo ministerio, a que é inherente o referido titulo.

*Ministerio da guerra.*

Ordem do exercito n.º 4.

*Ministerio da marinha e ultramar.*

Portaria resolvendo acerca de requerimentos sobre recrutamento marítimo.

*Ministerio das obras publicas, commercio e industria*

Portaria nomeando André Francisco Meyrelles do Canto e Castro para o logar de amanuense, que estava vaga, por ser o candidato que obteve melhor qualificação no concurso o que se procedeu para o provimento do referido logar.

— Portaria reconhecendo João José Viagas Teixeira como proprietario legal da descoberta da mina de cobre, sita na Cova dos Mouros, concelho de Alcoutim, districto de Faro.

— Portaria approvando o projecto relativo ao ramal de estrada, comprehendido entre a praça de Abrantes e um ponto da estrada de Castello Branco ao Tejo, no comprimento de 2:277,24 metros, e mandando proceder á construcção por empreitada, sendo a base para a licitação a quantia de 6.196,000 réis.

— Annuncio de que no dia 12 de março proximo, no governo civil de Santarem, se hão de receber propostas para a arrematação das obras de que tracta a portaria supracitada, com as condições exaradas no mesmo annuncio.

— Conta corrente da receita e despeza da exploração do caminho de ferro do sul no mez de dezembro passado.

**SECÇÃO ESTRANGEIRA.**

**HESPAÑIA.** — O rei da Belgica foi ao governo do Brazil pelos salvados da barca «Prince of Wales».

**NOVA-YORK 22.** — O general Burnside passou o Rapahanock.

**BRESLAU 2.** — Seis mil revoltosos armados concentram-se em Czenstochnow, cidade pequena na Polonia sobre o Warta.

Assegura-se que as antigas provincias da Polonia se sublevaram.

**Carta do Diabo ao Braguez.**

Lisboa 2 de fevereiro de 1863.

Nos circulos onde se bebe do fino, diz-se em segredo que ha recomposição

tinha sido substituido por outro que não poderia dar-lhe detalhes tão precisos. Este lhe aconselhou que se dirigisse á Ponta, unico sitio da costa onde tinha chegado o barco portador da fatal noticia e lá perguntar por um antigo marinheiro hespanhol chamado Antonio Perez, que agora se tinha transformado em colono. Armando partiu, e dentro em 2 dias chegou ao ponto indicado; a primeira pessoa que encontrou foi um velho de cabellos brancos e fisionomia expressiva.

— Quizera fallar ao sr. Antonio Perez, disse o joven.

— Sou eu mesmo senhor.

— Venho da parte do consul de Guayaquil para que me conteis tudo que saibais a respeito da perda do «Argos», bergantim francez.

— Ah! Senhor! exclamou Perez, fallais me d'um successo bem singular, no qual penso muitas vezes.

— Encontrais alguma cousa d'estranho neste naufragio?

— Vós mesmo julgareis. Ha cousa de um anno estava eu sentado como hoje á porta de minha casa como me vedes, quan-

ministerial. Assegura-se mesmo que o nobre duque de Loulé não está contente com alguns dos seus collegas e que em breve receberão em suas casas um papelinho com um: Hei por bem exonerar. Systema este adoptado pelo nobre duque mais d'uma vez.

O juiz Costa Dias ou Dias Costa, fallou de modo que provocou a hilariedade geral, mais d'uma vez, argumentou muito e cançou a camara para demonstrar que a opposição miguelista faria cavallo de batalha por se ter escripto religião com — R — pequeno em logar de ser com — R — grande — fez nojo a argumentação do illustre juiz, mas não obstante isto foi comprimentado no fim do seu discurso, pelos seus numerosos amigos, entrando neste numero o Braamcamp e Lobo d'Avila.

O Gaspar Pereira em testemunho de gratidão levou-o na sege para casa, e deu-lhe de jantar linguaça e feijão com orelheira de porco, prato de grande estimação pelo tal juiz.

Na ultima parte da sessão, coube a palavra ao sr. Casal Ribeiro, que no pouco tempo que fallou fez ver que tal será a força do seu discurso. A primeira escovadella foi de tirar o pello. Veremos amanhã o seguimento. O sr. Casal Ribeiro é um dos grandes ornamentos da tribuna portugueza.

Falleceu o sr. Villar de Perdizes, este cavalheiro era estimado por um grande numero d'amigos, os quaes sentem amargamente a sua falta.

O almirante Costa Carvalho, passou a bandeira para o topé da corveta «Bartholomeu Dias» a pretexto de que a nau não tinha gente para a guarnição. Se o «Bartholomeu» sahir passa a fluctuar a bandeira do almirantado no mastereo d'um cahique!

Os empregados da alfandega grande que foram apresentados, vão alguns começando a dirigir memorias á camara dos deputados, queixando se da injustiça do ministro, um delles é o verificador Metrass. O homem parece ter razão.

Consta ao Diabo, que o ministro da fazenda já está arrependido por não ter demittido o Santos Monteiro. Conheceu todos os papeis e documentos e mesmo o processo que se lhe fez, quando o Santos Monteiro foi empregado das Sete Casas e não achou por onde lhe podesse pegar para o demittir.

Hontem foi o baptizado do filho do barão de Magalhães, cunhado do sr. Lobo d'Avila e do sr. Godinho.

do vi entrar na enxada uma embarcação de 3 mastros que tomei ao principio por um navio de guerra, segundo a precisão com que manobrava — em breve conheci o meu erro porque o barco em questão não tinha canhões, mas sim uma popa redonda que os barcos mercantes constroem sempre. Quando soltou o bote para vir a terra, mais me convenci de que era demasiado boa embarcação para barco mercante; a tripulação compunha-se d'uns 10 ou 13 homens que mais que europeus me pareceram brasileiros ás ordens d'um inglez d'uns 50 annos d'idade, com os cabellos e a barba d'um ruivo quasi vermelho: este foi o encarregado de prover-se do que necessitavam, razão pela qual nos saudamos na praia; feitas as suas providões ao volver-se a bordo me disse:

— Tivemos temporal, estes ultimos dias, e vimos um formoso bergantim de guerra que deve ter ido a pique, porque estava já desarvorado.

(Continúa)



